



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO

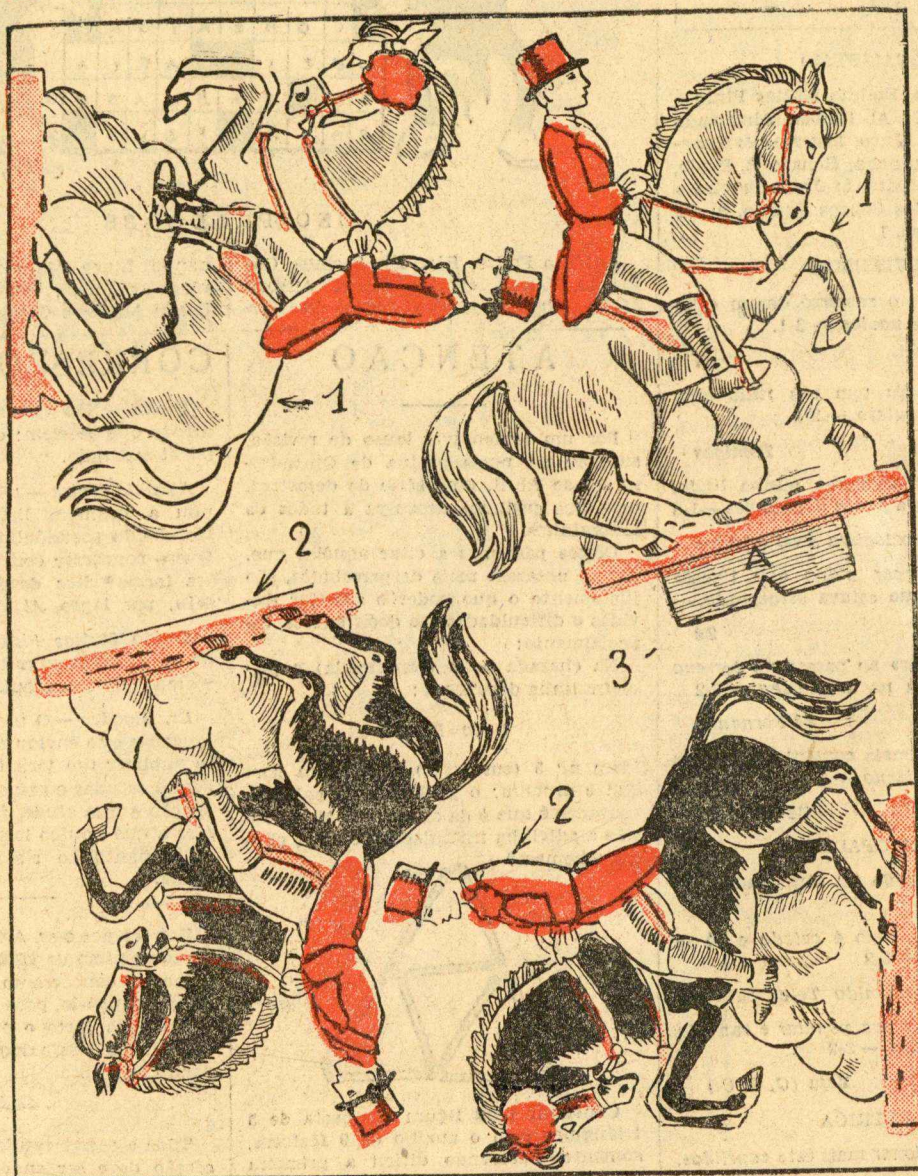
O SECULO

DE SANTA
RITA

O JÓGO DA ROSA

COMPLEMENTO

DA PÁGINA OITO



LER AS INSTRUÇÕES NA PÁGINA 6

Hora de recreio

CHARADAS, ADIVINHAS, ENGENHOCAS, JOGOS, ETC.

CHARADAS N.º 7 PALAVRAS CRUZADAS

DECIFRAÇÃO DO N.º 2

- 1 — Tavira; 2 — Diacho; 3 — Galinha-ganha; 4 — Carpido-cardo; 5 — Préstito-presto; 6 — Pequena-pena; 7 — Carola; 8 — Entregar.

QUADRO DE HONRA
DECIFRADORES

Adriano Reis, António Freire, Beu, Dr. Seringa, Galhardo, Lucas, Oliveiraribeiro, Piruças, e Tomigas.

(TOTALISTAS)

Alfredo Matos, Emídio Matias Pinto e Zé Fernando, 7; Al Damei, Almerinda Praia Carvalho, Lince, Manecas & Tonecas, Manuel Aguincha, Renato R. Paulo, Zé e Zette, 6; Misita, 5; Jorge Pereira e Rex, 4; Dário dos Santos Frazão, 3; Zé Manel, 2; Pipocas, 1.

NOVISSIMAS

1 — O lastro e o remorso deram cabo do carregador de navios. — 3-1.

estevador Tim

2 — Esta família tem um filho que, por sinal, é irrequieto. — 2-1.

fogoso Tomigas

3 — Se tens pressa para, minha linda, para consultares a pauta dos nomes. — 1-2

Tabela Um apologista d'«O Século»

4 — Foi no lugar plano que tiveste compaixão do que estava estampado. — 2-1

chapa do Zé

5 — Este «roedor» ao passar no terreno liso e duro caiu na armadilha. — 2-2

raloeira Zé Fernando

6 — *Não*! Jámais consinto que sejas feito para ser eterno. — 1-3

na Zé Quitolas

SINOPADAS

7 — Este «animal» foi atropelado pelo veículo. — 3-2

carneiro

8 — O homem cego é calado e só se gula pelo tino. — 3-2

Romualdo Teles Santos

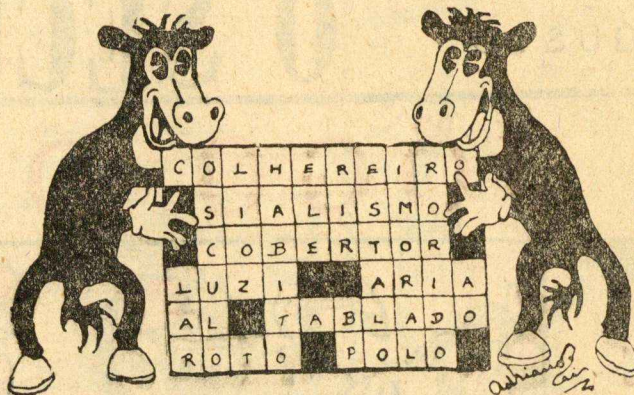
9 — Qualquer trova popular é cantada em língua rasteira. — 3-2

Zefa (C. C. C.)

ELECTRICA

10 — Val adicionar mais este «apelido». — 2

romar Um decifrador



DECIFRADORES

António Freire, Béu, Dr. Seringa, Galhardo, Lucas, Oliveiraribeiro, Alfredo Matos, Emídio Matias Pinto, Zé Fer-

nando, Lince, Manecas & Tonecas, Manuel Aguincha, Renato R. Paulo, Zé, Zette Misita e Jorge Pereira.

ATENÇÃO

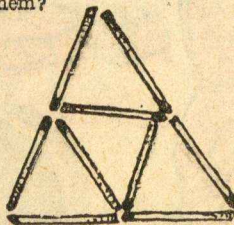
Por um lamentável lapso de revisão, sucedeu na nossa página de Quinta-feira, 22 de Abril, uma série de desastres, pelo que pedimos desculpa a todos os leitorzinhos.

Dêstes passemos a citar aqueles que, por se notarem mais despercebidos, são justamente o que poderão suscitar dúvidas e dificuldades aos decifradores, especialmente:

Na charada n.º 3 (combinada) a primeira linha deve ler-se:

1+de=Poesia;

Idem n.º 5 (em verso) a primeira parcial é procura; o problema de palavras cruzadas é que é da autoria de Moreno e não a adivinha intitulada: Como se chama o homem?



Construir uma figura composta de 5 triângulos com o auxílio de 9 fósforos, somente. Parecendo difícil à primeira vista, é contudo fácil, como se depreende pelo desenho junto.

CORRESPONDENCIA

Misita — Não vieram como era conveniente que viessem: cada trabalho num papel separado.

António Freire — ;Então para que assinou a primeira lista com Arlequim? Mandando pseudónimo este é que vem... Quere concorrer com o nome ou da outra forma? Nos decifradores do n.º 2, saíu, por lapso, Al lequim.

Emido Matias Pinto — As decifrações do n.º 2 chegaram muito atrasadas. Estimamos que se encontre já restabelecido.

Dr. Bigodes — O problema de palavras cruzadas que enviou é muito difícil para se publicar um jornal infantil. Contudo vamos estudar o assunto. O caso da pontuação a que alude, faz parte dos desastres a que noutra local fazemos referência. Quanto ao resto, teremos tempo, ainda.

Escreve-nos o sr. Alvaro Pinto, que usa o pseudónimo de «480», para que convidemos o concorrente de igual pseudónimo a mudá-lo, para evitar confusões.

Achamos justo o pedido e assim fica satisfeito o desejo daquêlê senhor, publicando esta nota.

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada a: Américo Taborda — «Pim-Pam-Pum» — Rua do Século, 63 — LISBOA.

O CASTIGO do SAPINHO

Por FELIZ VENTURA

SAPO Sapinho era o sapo mais engraçado e bonito que havia ali por aquelas redondezas. Quando, de manhãzinha, ribeiro abaixo, ribeiro acima, êle dava o seu passeio habitual, fazia com que tôdas as sapinhas, feias ou bonitinhas, o espreitassem, o mirassem, e, quando êle tornava de novo a passar, tôdas o queriam, tôdas faziam mil maneirinhas para o sapinho as cumprimentar. E êle, orgulhoso, dizia: — «Sou o Sapinho conquistador e ante mim, a bem ou a mal, nenhum rival se vem antepor!» Mas era egoísta e muito trocista.

Ora, perto dele morava um sapinho muito feiosão, que era tratado por sapo-sapão, pois tais belezas, tais bonitezas não possuía; era, por isso que troça dele tudo fazia. Porém no coração de sapo-sapão, existia tanta bondade, tanta candura que, se o conhecessem, se o soubessem, talvez tivessem, para com êle, mais consideração.

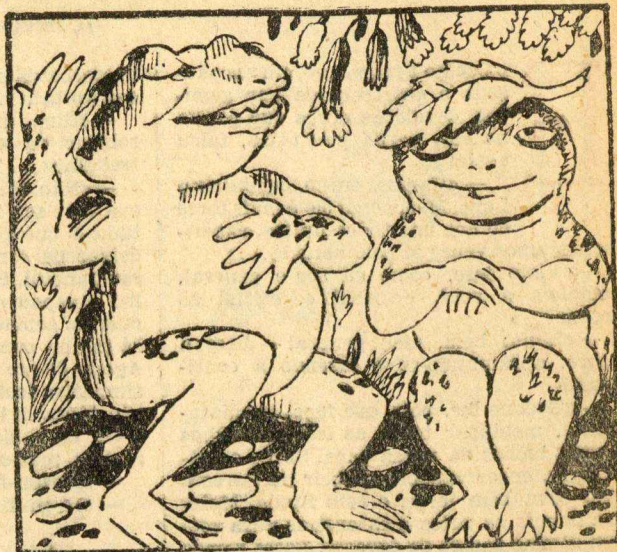
Ora, um dia, sapo-sapão viu uma sapinha, a mais bonitinha que ali havia e no seu coração nasceu uma paixão tão forte, tão grande como, talvez, ninguém teria sentido ainda.

Até que, certa tarde, Sapo-sapão vai á sapinha, num alvo-rôco, pedir-lhe a mão.

Mas desdenhosa, tôda vaidosa da formosura que possuía, disse que não, que nunca daria a sua mão á sapo-sapão. Maguado por ser recusado, regressou contristado.

Passam uns dias e o sapinho conquistador, em certa tarde, já ao sol pôr, viu a sapinha tão bonitinha, a qual, sem rodeios logo lhe disse ter por ela intenso de amor. E, logo ali, nesse momento, pronto trataram do casamento...

Mas logo, passados meses, começaram as discussões, Eram



casados ainda há pouco mas o sapinho dava á esposa mil cuidados e sempre, sempre de manhãzinha, até o sol se ir esconder, barafustavam, arrelidados, sempre zangados. Então, a sapinha chorava, suspirava já com saudades do Sapo-sapão, pois que se êle fôsse o seu marido, não teria ela tanto sofrido.

Entretanto, de tais queixumes, cheios de dor, foi sabedor o Sapo-sapão e, como por ela ainda tinha amor, ficou zangado, todo exaltado. Procurou o Sapinho e disse:

Vizinho Sapo-Sapinho,
seja prudente,
olhe que a sapinha
anda doente
por você andar
sempre a ralhar.

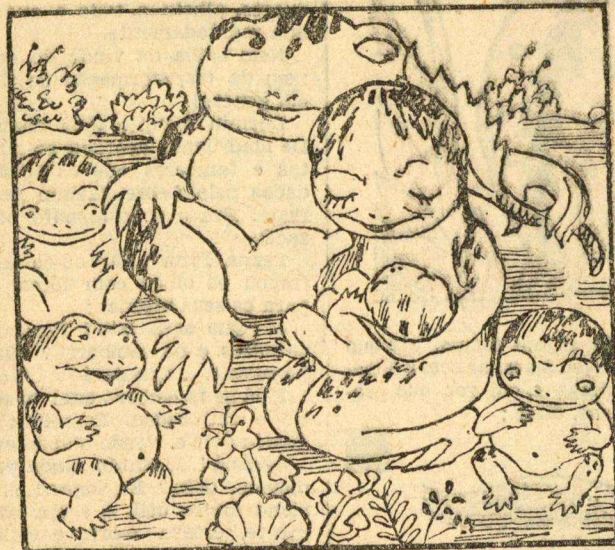
Contudo, o Sapinho, todo orgulhoso, passou e nem olhou para o intruso, ficando êste todo raivoso.

Mas, certo dia, Sapo-sapinho foi castigado,

Quando queria a todos mostrar que no ribeiro era o melhor a mergulhar, não mais voltou e lá ficou no fundo mais profundo do ribeirinho. Foi Sapo-sapinho bem castigado, pois para todos era um malvado.

Algum tempo depois, a bela sapinha, tôda contente, veio a casar com o Sapo-sapão, que inda cuidava ser ilusão.

E lá foram os dois morar numa casinha aceadinha que aos noivos haviam dado, onde vivem hoje, já rodeados, acarinhados pelos filhinhos, quatro sapinhos, muito engraçadinhos, que os pais tratam com mil cuidados,



ANEDOCTAS

Perto da casa de Calino, havia uma agência de compra e venda de terrenos. Calino dirigiu-se lá e pediu:

- «Querida uma porção de terra, ...»
- «Ora essa! Faça favor de dizer quantos metros quadrados deseja.»
- «Quero este vaso cheio para plantar um mangerico!»

Pela tardinha, Vicente ia levar o jantar ao pai.

Nêsse dia, o pequeno, como lhe agra-dassem os bocados de carne que vinham no caldo, papou-os.

— Que tens, Vicente? Aconteceu-te alguma coisa?

— Aconteceu, sim, meu pai. Vinha a correr, tropecei numas pedras, caí-me a tijela e só pude aproveitar o caldo.

Visitem a nossa exposição

DE

CADERNETAS ARTISTICAS

DO

CONCURSO DE PALÁCIOS

E MONUMENTOS

na SUCURSAL DO ROSSIO

Perna-Fina e Frrum-Fum

Por LEONOR DE CAMPOS

(Continuado do número anterior)

E o Coelho Frrum-fum, em voz pausada e entrecortada por gemidos, devido às dores que sentia na sua perna partida, falou assim :

— «Vamos, então, combater o Lobo. Mas, como ele é mais forte do que nós todos juntos, experimentaremos vencê-lo pela astúcia...»

— «Visto isso, como eu sou o general, nomeio-a a você, comadre, oficial às ordens...»

— «Muito bem, meu general — disse a Lebre, apurando-se e fazendo a continência.

— «Ordene-me, pois, que faça, imediatamente, mobilizar todas as lebres, coelhos e mais bichos da nossa raça. Serão os sapadores, encarregados de abrir na floresta uma cova bem larga e bem funda. Mobilize depois os ratos e ratazanas para roerem alguns ramos de árvores. Esses ramos serão transportados por batalhões de Formigas...»

— «Formigas? — interrompeu, admirada, a Lebre: — um bicho tão pequeno, tão fraco...»

— «Cale-se, oficial. Você não sabe o que diz... A Formiga é um dos bichos mais fortes e mais possantes da natureza. Em relação ao seu corpo é mais valente que um elefante...»

— «Bravo! — exclamou a Lebre. — Não sabia, meu general...»

E, a suspirar, acrescentou :

— «Ai... Muito sabe vossa senhoria...»

Frrum-fum abanou a cabeça, modestamente :

— «E da idade!... Já sou muito velho...» — «Mas continuando: Logo que as Formigas tenham transportado os ramos até à cova, todos vós tratareis de ocultar essa cova com os tais ramos. Mas... cuidado!... Que fique bem escondidinha!... Os lobos são espertalhões!... E se ele, o tal, percebe ser aquilo uma ratoeira, aí de nós!... Nem a alma se nos apegueita!... O que é preciso é que ele só se

aperceba da armadilha quando tiver caído dentro dela!... Está percebido?»

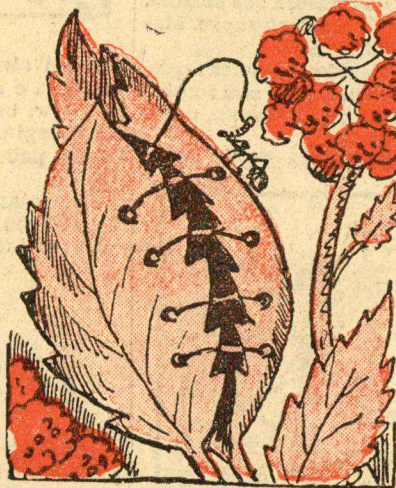
— «Sim, meu general... Amanhã, ao romper da madrugada, começaremos os trabalhos... E, agora, posso retirar-me?»

— «Não. Espere um instantinho... Antes que você se vá embora, quero agradecer-lhe tudo o que por mim fez... Para isso, vou deixar de ser, durante alguns minutos, o seu general. Seremos apenas : eu, o seu velho compadre Frrum-fum e você, a minha querida comadre Lebre Lebresca... Venha cá minha comadre e abraçe-me... Assim. Agora dê-me licença que beije o seu tão simpático focinho e lhe agradeça, do coração, todas as bondades que comigo teve...»

Os dois bichos abraçaram-se e beijaram-se, muito comovidos.

— «Frrum-fum» — fungava o Coelho.

— «Ih-ih-ih» — soluçava a Lebre...



Estiveram nisto algum tempo, até que Frrum-fum se resolveu a acabar com a cena. Enxugou as lágrimas e, em voz que procurava tornar firme, disse :



— «Alto!... Agora já sou outra vez o general. Oficial : pode retirar-se para mandar cumprir as minhas ordens...»

A Lebre endireitou-se, fez a continência, deu meia volta e, aos saltinhos, depressa desapareceu.

Entretanto, o Coelho Perna Fina, no seu quarto, alheio a tudo o que sucedia, dormia regaladamente.

Nem sabia da vinda do doutor Mólcho nem da transformação do tio Frrum-fum em general.

Dormiu a noite toda duma assentada. De madrugada acordou ao ruído de cornetas e tambores que os soldados, comandados pela Lebre, faziam ressoar na floresta. Era o chamamento para a mobilização.

Perna Fina levantou-se dum salto, esfregou os olhos com força e murmurou para os seus bigodes :

— «Que será isto? Porque tocarão as cornetas e os tambores? Hum!... Aqui há coisa!... Que será?... Vou ver!...»

E já se ia embora quando se lembrou do tio e retrocedeu. Espreitou à porta do quarto dele e, vendo-o acordado, gracejou :

— «Olá!... Então ainda por aqui? Não morreu, hein? Eu logo vi... Se fôsse um bicho muito útil, a estas horas, naturalmente, estava morto e enterrado... Assim... como não serve para nada!... Adeuzinho, que tenho pressa!...»

E sempre a rir, o mau Perna Fina afastou-se, em direcção ao ponto donde lhe parecia vir o som das cornetas. Ao chegar ali, deu de focinho com a Lebre Lebresca.

Esta, muito digna nas suas funções de oficial, logo lhe falou em tom solene :

— «Perna Fina : às ordens de Sua Bicheza, o general nosso comandante, estás mobilizado...»

— «Mobilizado?... Para quê e porquê?»

— «Declaramos guerra ao Lobo, uma guerra não de força, mas de astúcia. Vai imediatamente juntar-te aos outros so-

FIANDEIRAS E COSTUREIRAS

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

VARIAS vezes me tenho aqui referido a casos extraordinários da vida maravilhosa das formigas. Já lhes contei, certamente, que elas falam umas com as outras, que possuem noções da divisão do trabalho, que têm escravos e que sabem enterrar os seus mortos. Mas, além de tudo isso, têm ainda uma outra habilidade, talvez mais curiosa que todas as outras. A maior parte das espécies de formigas, enquanto larvas, tecem um casulo, tal qual os bichos de seda.

Mas o que fazem certas formigas da Índia? Calculem os meus meninos que essas formigas aproveitam os fios que as suas larvas fabricam para coser!

Não quere isto dizer que cosam fatos, nem roupa branca. As cousas não chegam a tanto!... Mas cosem as suas habitações. Estas formigas, com efeito, não vivem em formigueiros. Fazem os ninhos com folhas de árvores, cosendo-as umas às outras. Para conseguirem isso, agarram com a boca nas suas larvas enquanto estas estão fiando, e como se fossem lançadeiras, passam-nas por uma série de buracos, até fazerem uma costura perfeita e resistente.

Algumas formigas agarram-se com as patas a uma folha e, postas em fila, puxam por outra folha com as mandíbulas, até que conseguem juntar as bordas de ambas, enquanto várias companheiras, passando pelo outro lado, com as larvas-lançadeiras na boca, vão fazendo a costura.



Este mesmo costume existe em certas formigas brasileiras, com a particularidade de que estas não só cosem o ninho para si mas, também, admitem insetos. Dentro duma destas casas de folhas, foi encontrado um pequeno ninho de abelhas. O que não se pode averiguar é se as formigas lhes recebiam renda de casa!

Um peixe mandrião e espertalhão

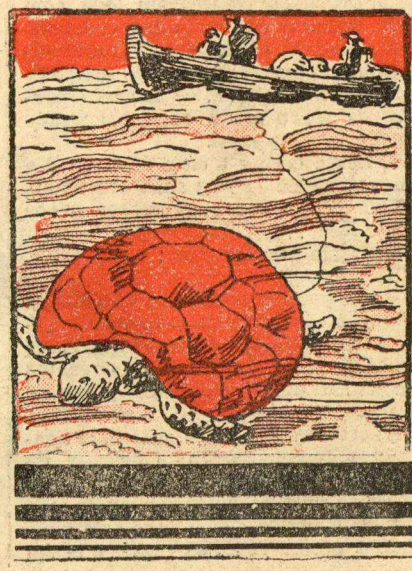
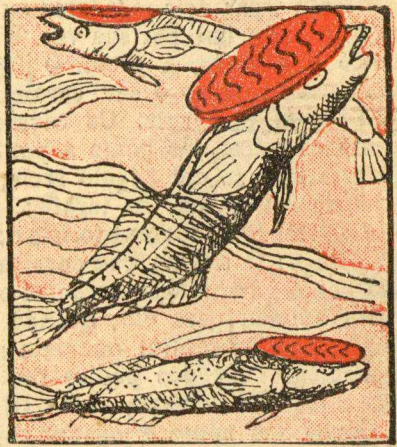
ASSIM como a actividade das formigas inventa trabalhos para bem da sua espécie, vou agora contar-lhes a mândria de certos bichinhos que só inventam processos para seu regalo, mas que o engenho do homem torna úteis.

Existe um peixe desconhecido nos nossos mares chamado Ré-mora. Esse peixe é muito curioso. Primeiro pelo seu aspecto que é exquisito, pois tem na cabeça uma ventosa oval formada por pequenas lâminas, colocadas em forma de telhas; segundo: porque, para viajarem sem se cansar, colam-se aos navios, onde ficam pegadas por essa ventosa. Assim que lhes deitam algum alimento, despegam-se logo do casco do barco e precipitam-se sobre o objecto que engolem.

Depois, voltam, imediatamente, para o seu pouso. Também costumam viajar em cima dos peixes maiores que eles! Outra cousa estranha: nadam, muitas vezes, de barriga para cima. Ora, os pescadores arranjam uma forma engenhosa de se servirem deles, na pesca das tartarugas.

Enfiam-lhes na cauda um anel atado com uma corda bastante comprida; depois, levam-nos para os barcos, dentro duma celha cheia de água salgada. As tartarugas costumam dormir na superfície da água, mas o seu sono é tão leve que a aproximação de qualquer barco as acorda e as faz fugir para longe, ou para o fundo do mar. Nas paragens frequentadas por estes bicharocos, os pescadores, assim que avistam a primeira tartaruga adormecida, deitam de longe, ao mar, um rémora com a corda presa à cauda. O animal, ao vê-se em liberdade relativa, procura fugir, nadando em todas as direcções. A corda que o prende, tem o comprimento que separa a tartaruga do barco.

O peixe esforça-se por se soltar. Por fim, percebe que se agita, sem resultado e que não pode livrar-se. Então, procura um sítio onde se pegue, para descansar um pouco, encontra a casca da tartaruga que flutua, a dormir, ali se agarra com toda a força. Os pescadores aproveitam a ocasião, puxam pela corda e é por esse meio que conseguem apanhar a tartaruga. O que prova que o homem ainda leva a palma, na esperteza, a todos os bichos espertalhões!



O JÓGO DA ROSA ■ INSTRUÇÕES

REGRAS DO JOGO

Podem jogar dois jogadores ou mais, como parceiros e cada um por sua vez. Um, terá o cavalo branco e o outro, o preto. O jogo principia colocando cada jogador o seu cavaleiro no círculo indicado com uma seta. Os cavalos avançarão seguindo os traços, de ponto a ponto, podendo girar o cavalo mas só em ângulo recto, sem voltar para traz nem retroceder. As jogadas, para ganhar, são as imediatas às do adversário, isto é:—alternadas. Ganha o jogo: O cavalo que consiga colocar-se a par e no ponto imediato, sempre que o adversário tenha a rosa voltada para êle; quando o cavalo consiga atingir o ponto central que tem a rosa, estando o antagonista num dos pontos das linhas extremas onde o jogo foi iniciado, ganha 10 pontos.

Ganha um ponto o jogador cujo cavalo se coloque a par do adversário sem ter a rosa voltada para êle, ou seja:—estando as rosas em sentido oposto; ganha dois pontos o que atinja quaisquer dos círculos laterais do taboleiro, estando o adversário com a rosa voltada para êle, a qualquer distância. Ganha

cinco pontos aquele cuja posição fique, na jogada imediata, de cabeça voltada para o lado direito do adversário. Ganhando qualquer dos jogadores cinco pontos, principiar-se-há de novo o jogo.

Só se pode avançar ao ponto seguinte pela linha mas, chegando ao ponto central, o jogador pode colocar-se onde quizer, e seguir.

CONSTRUÇÃO DO JOGO

O taboleiro deve ser colado em cartão forte, deixando uma margem de 5 centímetros.

A página dos cavaleiros deve colar-se em cartolina, recortando-se as figuras e colando-as, por sua vez, 1 com 1 e 2 com 2 ficando assim as duas figuras com duas faces. Tenham o cuidado de deixar uma base (3) que se dobrará em sentidos opostos, cortando a ranhura A para coincidir com as linhas do taboleiro.

N. B. — Convém a cada jogador caminhar com a sua rosa voltada para o lado oposto ao do contrário.

PERNA-FINA E FRRUM-FUM (Continuação da página 4)

dados que vês além, junto ao ribeiro... E daqui a pouco, lá irei dizer da minha justiça... Eu sou o oficial às ordens do general...»

— «Está bem—respondeu Perna Fina. — Quando os generais mandam, não há remédio senão obedecer...»

E lá foi juntar-se ao resto do exército. Quando a Lebre viu que as forças eram suficientes para o cometimento, mandou calar os corneteiros e foi falar às tropas. Expôs-lhe o plano do general e recomendou-lhes desembaraço e perfeição.

Os soldados começaram logo com entusiasmo o seu trabalho, ordenado e distribuído conforme as recomendações do general. Em pouco tempo ficou a cova concluída, os ramos entrelaçados sobre ela e tudo preparado para a batalha final.

A Lebre correu a casa do general a comunicar-lhe que as suas ordens estavam cumpridas e a receber novos mandados...»

E Frrum-fum ordenou:

— «É preciso agora que vão alguns soldados até junto da caverna do Lobo, para o atraírem à armadilha. Esses soldados terão de ser bons corredores e bons saltadores, para conseguirem o seu fim. Porque o Lobo, assim que os vir, correrá atrás deles. Não deve apahnar nenhum, para não desistir da corrida... E logo que cheguem junto da ratoeira, deverão saltar para o lado oposto, a-fim-de que o Lobo seja obrigado a passar sobre os ramos e assim

cair na armadilha. Este serviço é muito arriscado e exige qualidades especiais! Portanto, você terá que escolher cuidadosamente...»

— «Muito bem, meu general... As suas ordens serão cumpridas á risca...»

E assim foi. Daí a pouco, conforme Frrum-fum previra, o Lobo corria como um desesperado em perseguição de três grandes Coelhoos, óptimos corredores e esplendidos saltadores. Ao chegar junto à cova, os coelhos esperaram que o Lobo se aproximasse e, dum salto, passaram para o outro lado. E, o Lobo caiu como um patinho, na ratoeira.

Ressoaram por toda a floresta as palmas e vivas ao grande general. E os bichos em massa, dirigiram-se a sua casa, a-fim-de o cumprimentarem e vitoriarem.

Ao chegarem junto da casa de Frrum-fum, a Lebre gritou:

— «Viva o grande general Frrum-fum...»

— «Viva... a... a...» — respondeu em côro a bicharada.

Só neste momento, o Perna Fina soube quem era o general.

Boquiabertos de admiração, dirigiu-se a hebre eLebresca:

— «Querida comadre...»

— «Dobre a língua... — respondeu ela, altivamente. — Por enquanto sou a *senhora oficial*...»

— «Senhora oficial — gaguejou Perna Fina. — É verdade que o general é o tio Frrum-fum?»

— «Pois, decerto!... Quem queria você que fosse?»

— «E foi êle que se lembrou de...»

— «Foi êle que nos salvou a todos, sim senhor. Foi êle que nos livrou do Lobo, graças ao seu saber e experiência da vida!... Como vê vale mais, mil vezes mais do que você... Se não fosse êle é possível, que hoje, amanhã, ou depois, você morresse despedaçado entre os dentes do Lobo feroz...»

Perna Fina ouviu a Lebre, de fociinho baixo. Mas, de repente, tomou uma resolução:

Enfiou pela porta de casa, correu até junto do leito do tio e, a chorar, suplicou-lhe:

— «Tio, meu querido tio: perdô-me!... Arrependo-me sinceramente das minhas injustiças e das minhas maldades para consigo. Agora, só agora, vejo quanto me é superior. Eu tenho apenas a força da minha mocidade. O tio tem a força que dá a inteligência, aliada à experiência da vida... Perdão!...»

Frrum-fum comoveu-se com o arrependimento daquele sobrinho a quem estimava como filho.

Estendeu-lhe uma das patas válidas, puxou-o para si e, abraçando-o disse:

— «Estás perdoado, sobrinho... E não mais esqueças a lição que que hoje recebeste... Nunca devemos tratar mal os velhos nem desprezar ninguém... por mais inútil ou até incomedativo que esse alguém nos pareça...»

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



30

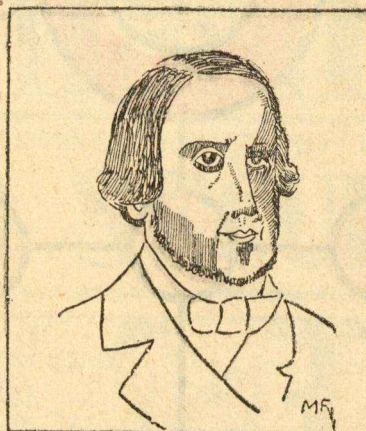
Foi governador na India
Mas riqueza não juntou,
Pois maldades e injustiças
Nunca fez nem sancionou.

De carácter nobre e honrado,
Sempre em luta contra o mal,
Foi um dos que mais ao alto
Levantaram Portugal.

Era tão pobre que, um dia,
Em que o vieram guerrear,
Se encontrou sem nenhuns meios
Para em guerra se agüentar.

Então, grandioso e sereno,
As suas barbas cortou,
E àqueles a quem pediu,
Como penhor, as mandou.

E fez flutuar, gloriosa,
Nossa bandeira em seu mastro,
Nunca mais a India teve
Outro



31

Bom poeta e dramaturgo,
Romancista e orador,
Escreveu obras formosas,
Cheias de lirismo e amor.

Fez um poema da vida
Do nosso eterno Camões,
E os seus versos inda fazem
Pulsar, hoje, os corações.

Para o Teatro fez dramas
Que são de maravilhar,
O seu «Frei Luiz de Sousa»
Nossos olhos faz chorar.

Estando longe da Pátria,
Cheio de grande tristeza,
Cantou, em verso imortal,
A saudade portuguêsã,

Dizendo-nos o que sente
Quem entre estranhos se mete.
Há-de ser sempre admirado
O grande



32

Sereno, simples, plebeu
Pulso rijo e firme olhar,
Eis um dos homens mais fortes
Que tem andado no mar.

Não andou pelas batalhas,
Não foi terras descobrir,
Mas salvou milhões de vidas,
Fez muitas bôcas sorrir.

Quando o mar todo se enchia
De terríveis vagalhões
E havia barcos em p'riço
E angustia nos corações,

Dizia assim: — «Vamos lá
Os infelizes salvar!...»
E, dentro em pouco, voltava
Trazendo-os livres do mar.

Até as vagas sorriam
Ao trazê-lo nos seus topes!...
Foi alma bem portuguêsã
A alma do

CLASSIFICADOS NO CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS



Fernanda Manuela Patrocínio Gonçalves



Angelo Neves Aguas



Maria Manuela Marques de Matos

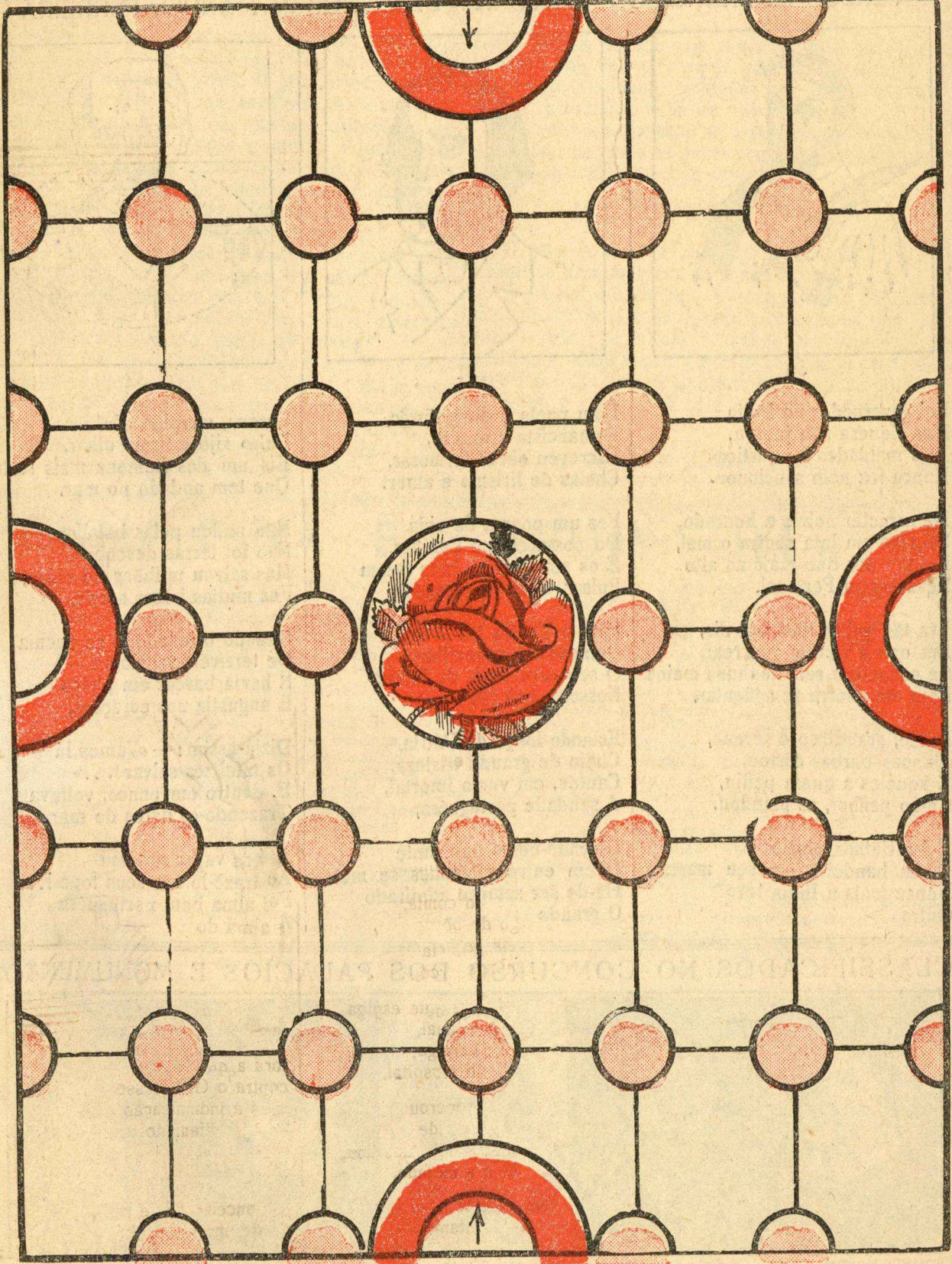


Manuel Ferreira Cabral



Maria Julia Rola

O JOGO DA ROSA



ATENÇÃO A PAGINA 1 ■ Instruções na página 6